

SITES ABRIL	CELULAR	ASSINE	SHOPPING	BUSCA
Notícias	Esportes	Diversão	Saúde	Mulher
			Meu site	



**veja**  
on-line

▶ PESQUISE EM VEJA   Revistas  VEJA on-line  ▶ GUIA DE NAVEGAÇÃO ▶ FALE COM VEJA

REVISTAS ▼

NOTÍCIAS DIÁRIAS ▼

ESPECIAIS ON-LINE ▼

O MELHOR DA CIDADE ▼

MULTIMÍDIA ▼

REVISTA VEJA

Edição 1927 . 19 de outubro de 2005

PUBLICIDADE



NESTA EDIÇÃO

- ▶ Índice
- ▶ Brasil
- ▶ Internacional
- ▶ Geral
- ▶ Economia e Negócios
- ▶ Guia
- ▶ Artes e Espetáculos

COLUMNAS

- ▶ Lya Luft
- ▶ Millôr
- ▶ Diogo Mainardi
- ▶ Tales Alvarenga
- ▶ André Petry
- ▶ Roberto Pompeu de Toledo

SEÇÕES

- ▶ Carta ao leitor
- ▶ Entrevista
- ▶ Cartas
- ▶ Radar
- ▶ Holofote
- ▶ Contexto
- ▶ Auto-retrato
- ▶ Datas
- ▶ Veja essa
- ▶ Gente
- ▶ VEJA Recomenda
- ▶ Os livros mais vendidos

Esporte

## Campos dos sonhos

**Em alta no país, o golfe ganha áreas espetaculares e ajuda a vender até apartamento**

Sandra Brasil

Caras



Divulgação



Campo de golfe entre a mata e o mar em Trancoso: obra-prima do arquiteto-golfista Blankenship

Quando o arquiteto americano Dan Blankenship trocou os Estados Unidos pelo Brasil, em 1994, sua especialidade – projetar campos de golfe – era quase uma atividade esotérica. Golfe, conforme a imagem propagada por incontáveis filmes, era coisa de americano de caricatura: taco à mão, charuto na boca, calça em variações berrantes de xadrez e negócios milionários jorrando entre uma jogada e outra. Aqui, somente 3.700 pessoas se arriscavam no esporte elitizadíssimo. Desde então, não se pode dizer exatamente que o golfe virou esporte popular, mas o número de praticantes tem aumentando sem parar – calcula-se que esteja em torno de 25 000. A quantidade de campos – e aqui voltamos a Blankenship – acompanha o crescimento: são hoje 105, concentrados principalmente nos estados de São Paulo (46) e Paraná (treze), e outros 35 estão em fase de construção. "Cheguei na hora certa. Percebi que o Brasil era um mercado com grande potencial de crescimento e resolvi ficar", diz o arquiteto de 44 anos, que assina o projeto de nove campos de golfe no Brasil, dois deles ainda em obras.

**Veja também**

EXCLUSIVO ON-LINE

- ▶ Onde dar suas tacadas
- ▶ Entenda o jogo

No topo de seu portfólio, reunindo qualidades raras pela beleza deslumbrante da paisagem e pelo capricho na realização, está o campo que faz parte de um complexo turístico na região de Trancoso, na Bahia. Inaugurado em maio do ano passado, o campo de mais de 9 milhões de reais foi construído numa área de 700 000 metros quadrados – 200 000 a mais que o típico campo

JANEIRO, FEVEREIRO  
E MARÇO SÃO OS  
MELHORES MESES PARA  
**CONSEGUIR  
UM NOVO  
EMPREGO**

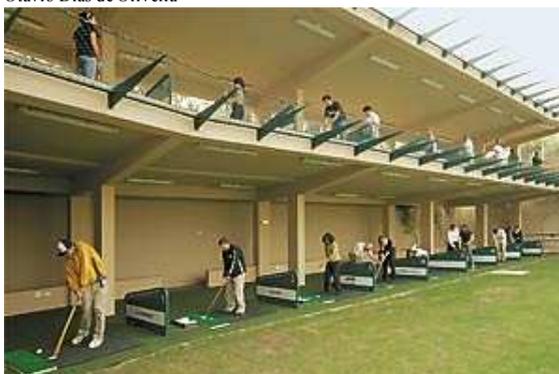
**CATHO**  
ONLINE

JAN

V

oficial de dezoito buracos. Até golfistas calejados, acostumados aos encantos de campos em vários continentes, se desmancham em elogios. Nos primeiros nove buracos, os jogadores têm por moldura árvores e animais da Mata Atlântica. Na segunda e última volta, fincada sobre falésias, o campo dá vista para o mar – é difícil que o jogador não se desconcentre pelo menos por alguns segundos na altura do buraco 14, bem na ponta do penhasco. "Já joguei em mais de 500 campos e nunca vi nada tão bonito", disse recentemente o jornalista americano Alex Shoumatoff, colaborador da revista *Vanity Fair* e golfista fanático. "Tive toda a liberdade para criar. É o projeto mais fascinante da minha carreira", diz Blankenship, que, de tão entusiasmado, fixou residência em Trancoso. "Quando não estou trabalhando, jogo."

Otavio Dias de Oliveira



**Alunos treinam no driving range (sim, é tudo em inglês): nove academias de golfe em São Paulo**

Um sinal de que o golfe está se tornando atividade de prestígio fora do universo exclusivo dos campos particulares é que o putting green – a área onde se treina a tacada antes de enfrentar o campo propriamente – virou atrativo de empreendimentos imobiliários de alto padrão. "Esse é o novo apelo de venda para apartamentos a partir de 800.000 reais em São Paulo", diz Romeu Busarello, diretor de marketing da construtora Tecnisa, que prepara o lançamento de seu primeiro prédio com espaço para golfe e planeja outros dois para 2006. Condomínios de luxo, que antes alardeavam lagos para andar de lancha e jet ski ou cavalariças para os fãs de esportes hípicos, agora conquistam clientes oferecendo campos de golfe: quase todos os terrenos (cerca de 400.000 reais cada um) de um empreendimento em Vinhedo, a 80 quilômetros de São Paulo, já foram vendidos. Projetado por Brian Costello, outro arquiteto americano, só o campo vai custar quase 10 milhões de reais. No comentado condomínio que o carrasco de aprendizes Donald Trump se prepara para lançar em Itatiba, no interior de São Paulo, aproximadamente 30 milhões de dólares serão aplicados na infra-estrutura relacionada ao campo de golfe.

"Estima-se que o segmento já movimenta no Brasil cerca de 500 milhões de reais por ano", diz o publicitário Álvaro Almeida, presidente da Confederação Brasileira de Golfe (CBG). Diretor comercial da revista *Caras*, muito bem relacionado, Almeida é apontado como o grande responsável pelo aumento da divulgação do esporte no país, desde que, há cinco anos, pôs em prática a estratégia de convidar celebridades para dar tacadas, ainda que canhestras, em torneios. Ronaldo e o piloto Rubens Barrichello são exemplos que acabaram fígados. Barrichello joga duas vezes por semana, religiosamente, inclusive durante a temporada de automobilismo. "Quando parar de correr, quero ser um bom golfista amador", diz o piloto, que ostenta handicap 13 – o que, para quem não sabe (e quem sabe?), é muito bom. Pelo sistema de pontuação usado para equilibrar praticantes de diferentes níveis, ao fim do jogo (cujo objetivo,

diga-se, é fazer todos os buracos com o menor número possível de tacadas), cada jogador abate do total de tacadas que deu o seu handicap. Iniciantes partem do handicap 40 e vão baixando conforme se aprimoram.

Lailson Santos



**Barrichello: "Quando parar de correr, quero ser um bom golfista"**

Esporte dispendioso, que exige equipamento caro e acesso a clubes restritos, o golfe deu um pequeno passo rumo à democratização com a inauguração, em 2000, do primeiro campo público de São Paulo, o FPG Golf Center. Lá o jogador não precisa ficar sócio nem pagar mensalidade – uma taxa de no máximo 45 reais dá acesso às instalações. A título de comparação, associar-se ao São Paulo Golf Club, o mais tradicional clube do gênero da cidade, requer o desembolso de mais de 120.000 reais pelo título e 750 reais de mensalidade. Além do campo de nove buracos, o FPG Golf Center, freqüentado por 2.500 pessoas por mês, foi pioneiro em oferecer aulas ao público em geral. Criança aprende de graça, e adultos pagam 50 reais por meia hora. Foi lá que o empresário Adriano Facchini, tenista aposentado compulsoriamente por motivo de saúde, começou no esporte, há cinco anos. "O golfe é menos agressivo. Antes de conhecer, eu dizia que era jogo de velho. Agora, adoro", conta Facchini, que treina duas vezes por semana – sábados e domingos não, "a pedido de minha mulher", a atriz Luiza Tomé – no driving range, uma plataforma com vários boxes onde os jogadores aprimoram suas tacadas.

No país da ginga e da malemolência do celebrado futebol-arte, o golfe é esporte cerebral: o praticante precisa desenvolver disciplina mental e gosto pela repetição obsessiva para aprimorar as tacadas. Honestidade faz parte do jogo. Como não há juiz nem fiscal, seguir as regras é fundamental. Uma etiqueta toda própria determina as roupas e o código de conduta em campo (*veja quadro*). "O jogador não pode mentir para seus adversários na hora de informar quantas tacadas teve de dar para embocar a bola, por exemplo", diz Álvaro Almeida. "Quem for pego mentindo fica estigmatizado", informa Priscillo Diniz, 56 anos, jogador profissional que atualmente ensina na academia Onne Unigolf, a nona de São Paulo, inaugurada há três semanas. O jogo não requer do praticante nem força nem músculos em forma. Havendo carrinho disponível, nem sequer demanda preparo para a caminhada de 6 quilômetros. Também não discrimina por faixa etária – um senhor de 80 anos pode disputar a mesma partida com um rapaz de 20. Paciência é o requisito básico. O psicólogo esportivo Esmerino Rodrigues Júnior fez as contas e avisa: "Dos 270 minutos que dura, em média, uma partida, o golfista gasta apenas oitenta efetivamente dando tacadas. Ele não pode permitir que a ansiedade domine os outros 190".

## Tacada elegante

O golfe tem até um aspecto civilizatório. Seus praticantes precisam seguir uma série de regras de etiqueta, que vão da roupa à atitude em campo. Algumas delas:

- ☛ O "uniforme" do golfista é camisa pólo, calça de pregas ou bermuda na altura do joelho e sapatos especiais com travas na sola. Jeans, minibusas e shorts, obrigatórios no guarda-roupa de verão das brasileiras, nem pensar
- ☛ Falar ao celular durante uma jogada é comportamento malvisto. Se tiver de manter o aparelho ligado, o jogador deve desativar o som de chamada
- ☛ No momento do lance, os demais não podem falar nem se mexer nem ficar muito perto do jogador
- ☛ Um grupo só pode jogar quando o da frente estiver fora do alcance da bola
- ☛ Golfe é jogo demorado. Conversar demais ou passar muito tempo se concentrando são pecados imperdoáveis na hora da tacada
- ☛ Toda a atenção é pouca com o green. Nunca coloque o saco de golfe sobre a grama, pise com cuidado e, se usar o carro, não saia da trilha predeterminada
- ☛ Jogada feita, ajeite a grama no green e alise com um ancinho as pegadas na areia. Também reponha a bandeira no buraco, na posição vertical
- ☛ É permitido levar lanches e bebidas no carrinho ou no saco de golfe. Mas nada, absolutamente nada, pode ficar no campo

Fonte: Confederação Brasileira de Golfe



▶ [topo](#)

▶ [voltar](#)

copyright © Editora Abril S.A. - todos os direitos reservados